

A Fundação Amílcar Cabral quiz também, com este Colóquio, prestar uma merecida homenagem ao insigne intelectual e combatente angolano que foi Mário Pinto de Andrade. A ideia deste colóquio partiu de uma iniciativa dele. Na sua última visita a Cabo Verde, em Abril de 1990, apresentou à direcção da Fundação o texto que serviria de base à sua preparação.

5 A este propósito, escreveu na altura: "É um facto hoje admitido pela maior parte dos estudiosos que o processus conducente à independência nacional dos "Cinco"(os chamados PALOP) resultou, por um lado, de uma resistência "primária" à ocupação e colonização portuguesas e por outro, da evolução de movimentos unitários representativos, produto da aglutinação de vontades e inteligências que se foram reunindo ao longo do presente século. Trata-se de uma dinâmica colectiva que ocorreu desde 21 de Março de 1911, com a criação do jornal "O Negro", editado pelo médico santomense Aires de Menezes, em Lisboa, a fundação no ano seguinte da "Junta de Defesa dos Direitos d'Africa" e, posteriormente, do "Partido Nacional Africano" e da "Liga Africana". Todas essas organizações, embora sediadas na capital do "império" mantiveram um contacto directo e permanente com as "Ligas" e "Grémios" de cariz nativista formados em Angola, Cabo Verde, Guiné, Mocambique e S. Tomé e Príncipe". (4)

Dizia mais: "...logo após o fim da II Grande Guerra, um novo surto unitário da consciência africana (de inicio embrionário e clandestino) viria impôr-se paulatinamente para dar lugar, então, já nos fins dos anos 50 e, sobretudo, no dealbar do ano de Africa (1960) aos movimentos nacionalistas: a afirmação de uma identidade, a expressão de uma oposição e a aspiração à universalidade.

Tal era a filosofia subjacente às deliberações da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP) realizada em Casablanca, em Abril de 1961." ~~(?)~~ E conclui: "Convém.... afirmar, sem ambiguidade, que a luta armada conduzida pela Frelimo, MPLA e PAIGC ,....., alterou o panorama político africano e, em particular, na sua zona austral, mercê do concurso activo da Frelimo e do MPLA no acesso à independência do Zimbabwe e da Namíbia e na aceleração do combate para o desmantelamento do apartheid na Africa do Sul." Para depois reconhecer que quinze anos após as indenpendências, [o texto é de 1990] se "aprofundaram as especificidades nacionais e diversificaram-se as condutas na governação dos homens", impondo "uma reflexão conjunta sobre a problemática geral do processo de construção dos Estados e Nações nos "Cinco", à luz das dinâmicas internas próprias e das transformações que ocorrem no mundo". ~~(?)~~ (2) → *idem*
Eis-nos pois, hoje, a cumprir o compromisso com Mário de Andrade! A reflexão iniciou-se, auspiciosamente, e certamente não vai parar.

W O nosso homenagiado, Mário Pinto de Andrade, muito cedo começou a interessar-se pela situação de Angola [colónia] e pela condição dos angolanos [colonizados]. O ambiente familiar teria sido um factor importante nessa tomada de consciência precoce da realidade colonial - o pai fora co-fundador da Liga Africana, em 1930. É contemporâneo e correliginário dos percussores dos movimentos literários de denúncia e protesto contra a dominação colónial e dos actores políticos principais dos movimentos nacionalistas.

Amilcar Cabral, Agostinho Neto, Viriato Cruz, Lúcio Lara, Eduardo Mondlane, Marcelino dos Santos, Vasco Cabral, Eduardo Santos, Alda Espírito Santo, Hugo de Menezes, Aristides Pereira, entre outros, foram seus companheiros da

caminhada.

Mário de Andrade tem um lugar de direito na galeria dos percursores la luta anticolonial. É uma referência obrigatória para todos nós.

Em Angola o seu nome está ligado ao movimento literário conhecido por Movimento dos Novos Poetas de Angola que adoptou como lema "Vamos descobrir Angola" lançado, em 1948, por Viriato Cruz e outros jovens intelectuais.

Em Portugal, são marcos de referência de Mário de Andrade a Casa dos Estudantes do Império, o Centro de Estudos Africanos, o Clube dos Marítimos, por onde passaram quase todos os seus companheiros de luta. Participou em todas as acções levadas a cabo para a conscientização e aglutinação dos africanos à volta do ideal nacionalista, de 1949 até à sua partida para Paris.

A propósito da experiência vivida pela sua geração, Mário de Andrade, na sua obra "Amilcar Cabral", testemunha: "Munidos do privilégio da instrução, estes assimilados [quadros] encontram-se face a um dilema: ou lutar pela sua autopromoção no quadro da sociedade colonial, ou armar-se culturalmente para contestar e destruir o sistema de dominação. Noutros termos, trata-se de optar entre duas concepções de vida: seja, a ascensão individual, aceitando as leis do sistema; seja, em contraponto, a recusa global, isto é a ruptura, para abrir o caminho à libertação das camadas mais oprimidas pelo colonialismo".²
Ao dilema acresce-se um imperativo complementar: "Essa busca profunda da identidade africana, dizia, não pode confinar-se à simples tomada de consciência individual ou à leitura solitária: ela encontra o seu

(3)

prolongamento natural nos esforços para a união dos diversos elementos da comunidade africana em Portugal, mantendo ao mesmo tempo, contactos permanentes com os núcleos das organizações políticas em gestação nas colónias"⁽²⁾ Estes desafios e exigências permitem-nos apreender o ambiente e o alcance dos compromissos históricos assumidos pela geração de Mário de Andrade: criar as bases subjectivas necessárias e forjar os instrumentos de luta contra a dominação colonial.

Os companheiros [a geração] de Mário de Andrade acompanharam de perto os movimentos literário e político que tinham lugar no continente africano e, particularmente, nas antigas colónias francesas. Assim, em 1955 Mário de Andrade chega a Paris à busca de novos espaços de cultura e de luta. Integrou a equipa de "Presence Africaine" dirigida por Alioune Diop e privou com eminentes intelectuais tais como L. Senghor, A. Césaire e Peter Abrahms. Participou nos I e II Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros realizados, respectivamente, em 1956, Paris, e em 1959, Roma.

a

A sua estadia em Paris foi também um tempo de formação e de luta e a oportunidade para conhecer a experiência de outros povos em luta. Aliás, realizaram-se na capital francesa várias reuniões de coordenação entre os combatentes anticolonizistas angolanos, guineenses, caboverdianos, moçambicanos e santomenses.

Mário de Andrade considerava-se "un intellectuel engagé, malgré ~~sa~~^{lui}". É autor de diversos estudos e ensaios de sociologia, crítica literária, e linguística; "a ele se deve incontestavelmente, o mérito de ter sido o primeiro e mais persistente e lúcido teorizador e divulgador da literatura africana de

expressão portuguesa", (4)

Manteve-se sempre fiel à sua condição de intelectual comprometido com a luta do povo angolano e dos povos africanos. A produção do Caderno da Poesia Africana de Expressão Portuguesa [1953] insere-se numa acção política orientada para o lançamento da poesia de denúncia e de combate ao serviço da causa emancipadora. Trata-se, dum propósito assumido de "acertar" a cultura pela hora da luta de libertação. A obra corresponde a um momento específico de conscientização dos africanos e responde à necessidade do combate à alienação, da preparação do caminho para o lançamento das bases subjectivas para a luta de libertação nacional e constituiu um contributo ao processo de formação das identidades nacionais. Vivia-se, então, o momento cultural da assunção da africanidade, do amadurecimento da identidade nacional, do fortalecimento da consciência nacional e da consciência colectiva [destino comum].

Outrossim, todas as obras de Mário de Andrade têm um lastro politico-pedagógico comum, quer quando faz análises literárias, quer quando investiga e escreve sobre a história dos movimentos de libertação nacional: busca a interacção entre a cultura e os movimentos sociais [ter e ser culturais] e fornece os dados para uma correcta apreensão do nosso processo histórico.

Como dirigente político, Mário de Andrade foi co-fundador do MPLA e seu primeiro Presidente, de 1959 a 1962, altura em que foi substituído por Agostinho Neto e passou a desempenhar o cargo de Secretário das Relações Exteriores. Foi um porta-voz eloquente e respeitado da causa angolana no plano africano e internacional. Participou na fundação da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), em 1961, em

Casablanca, e foi eleito seu Presidente.

Entretanto, as suas relações com a nova Direcção do seu Partido foram ^{-se} deteriorando o que conduziu ao seu afastamento da militância activa. Todavia em 1971, regressou às fileiras do MPLA integrado nas estruturas da Frente Leste. Em Maio de 1974, subscreve o manifesto da "Revolta Activa" o que provocou a ruptura com a direcção do seu Partido. Depois de uma curta estadia em Luanda, em 1975, deixou Angola e exilou-se voluntariamente.

Contudo, após as independências de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, Mário de Andrade continuou a colaborar na edificação dos novos Estados independentes, ao mesmo tempo que desenvolvia uma intensa actividade intelectual.

No final dos anos setenta desempenhou as funções de Ministro da Informação e Cultura da Guiné-Bissau. Ao longo dos anos oitenta Mário de Andrade, fez várias missões a países africanos, no âmbito da Unesco. Simultaneamente, preparou uma obra sobre o proto-nacionalismo e o nacionalismo nos nossos países [A História dos Movimentos Emancipalistas das Antigas Colónias Portuguesas desde os finais do século XIX ate 1960] iniciativa que reputamos de muito valor e pertinência para o imprescindível conhecimento da génese dos movimentos de libertação nacional nos PALOP.

* Mário de Andrade era ^{também} um estudioso da luta do PAIGC. Sobre este facto histórico, para além de vários artigos dispersos, escreveu a obra "A Guerra do Povo na Guiné-Bissau". Era ainda um profundo conhecedor da obra e do pensamento político de Amílcar Cabral. É autor de uma biografia de Amílcar

* Conhecedor profundo da história e da cultura do seu país, Mário de Andrade foi, ao mesmo tempo, actor e crítico ~~da luta pela~~ lúcido da luta pela independência de Angola e nesse quadro, editou em 1971, em colaboração com Marc Ollivier, "A guerra em Angola."

Cabral [Amílcar Cabral, essai de biographie politique, Petite Collection Maspero] e organizou, também em 1974, as "Obras escolhidas de Amílcar Cabral".

Nos últimos anos da sua vida, vivia angustiado face à duração da guerra em Angola e à ausência de perspectivas seguras para o seu término. Acreditando na capacidade dos angolanos dialogarem entre si, empenhou-se com Gentil Viana e Adolfo Maria, num "Grupo de Reflexão" que se disponibilizara a agir, no respeito dos interesses das partes envolvidas, para a aproximação entre os beligerantes, através de uma mediação angolana. Justificava esta última iniciativa política como "um imperativo de consciência e dignidade do homem africano, que vê surgirem no seu solo, novos conflitos cuja solução lhe escapa". (5)

Mário Pinto de Andrade faleceu, em Londres, a 26 de Agosto de 1990, aos 62 anos de idade. Foi sepultado em Luanda, a 31 de Agosto. Mereceu a homenagem do Presidente de Angola, das autoridades angolanas e de todos os seus amigos e camaradas da longa caminhada pela conquista da independência. Repousa hoje, na terra angolana por que lutou, sofreu e sonhou.

Os seus amigos e camaradas de luta guardam dele a imagem de ^{um} lutador generoso e optimista. Aristides Pereira declarou nessa ocasião: "pela forma desinteressada como se entregou ao combate de todos nós, ele deve ser um exemplo para a juventude e as gerações vindouras, devendo a sua memória ser preservada e acarinhada, permanecendo uma referência positiva para os que combatem a miséria e o subdesenvolvimento". (6) O Cardeal D. Alexandre do Nascimento na homilia que pronunciou durante as cerimónias religiosas na Igreja do Carmo, em Luanda, destacou a generosidade com que Mário de Andrade se entregou à causa da independência e rematou afirmando: "foi austero no seu

viver, morreu sem ter deixado casa posta nem conta no banco". Para o escritor Costa de Andrade é "uma referência obrigatória para a minha [sua] geração". (A)

Na sua intervenção, por ocasião do Simpósio Internacional Amílcar Cabral, realizado aqui, na Praia, em 1983, Mário de Andrade, alertava de que "ela (a cultura) é um projecto em constante renovação, uma constestação das suas próprias aquisições tradicionais e uma abertura para o futuro em criação, numa palavra um 'poder' a tomar." Ao mesmo tempo lançava um repto aos homens de cultura e aos políticos africanos afirmando: "Resta aos actores sociais o papel de elevar a democracia cultural ao seu verdadeiro destino histórico - o de tornar as nações e os povos 'sujeitos culturais'"; e chamava a atenção de que "toda a forma de democracia será vã, esvaziada da sua substância nutritiva, enquanto a sociedade civil não chamar a si a produção, a circulação e a crítica do saber, enquanto os actores sociais não dominarem o 'ter' e o 'ser' cultural". Julgo que estas reflexões mantem actualidade e estão no cerne de vários problemas levantados neste colóquio. (8)

E a finalizar, este

~~o meu~~ o meu testemunho: Mário Pinto de Andrade ganhou, por mérito próprio, um lugar no panteão dos heróis das nossas lutas de libertação nacional!

Muito obrigado.

- 1) Mário de Andrade; Voz do povo, 28/3/90; pag. ?
- 2) Idem
- 3) Mário de Andrade; "Amílcar Cabral", Essai de biographie politique, Ed. François Maspéro, Paris, 1980; pag. 40 e 41;
- 4) Manuel Ferreira; No Reino do Caliban, 11 volume, Seara Nova, 1976; pag. 160;
- 5) Manuel Delgado; Expresso, 1/9/90; pag. 8
- 6) Diário de Lisboa; 27/9/90; pag. 8;
- 7) Diário de Lisboa; 3/9/90; pag. 10;
- 8) "Continuar Cabral"; Simpósio Internacional Amílcar Cabral (1983), Conferência / Pulo; pag. 29 e 284;